5.° Anno — Guimarães, 8 de Fevereiro de 1908 — Numero 215

Preço da assignatura
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno ... 1$300 rs.
Semestre ... 650 „
Trimestre ... 350 „
Numero avulso ... 30 „

Toda a correspondencia deve ser dirigida a **Antonio Luiz da Silva Dantas**, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração
R. de Payo Galvão—Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMANARIO CATHOLICO

Preço das publicações
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha 40 rs.
Repetição, por linha ... 20 „
No corpo do jornal ... 100 „

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão
Typographia Minerva Vimaranense

Lágrimas e lucto

Estám sobre terra, mal arrefécidos aïnda, os cadáveres do rei de Portugal e do príncipe herdeiro.

A conjuncção é de lágrimas e lucto!...

Acima das opiniões políticas e do conceito pessoal dos mortos, paira o sentimento humano, ferido pela bárbara atrocidade dum attentado infamíssimo.

A razão, offendida na sua nobre soberania, fulmina indignados anáthemas contra os abominaveis princípios que inspiram taes oppróbrios da espécie humana.

Humilha-nos a ideia de que eram homens os auctores e executores de crueza tam ignominiosa. Labeu da raça!

Mas a conjuncção é de lágrimas e lucto!...

Um marido é crivado de balas ao lado da esposa!... Um pae á vista dos filhos!...

Um moço esperançoso é assassinado à sombra de seu irmão, em presença de sua mãe, depois de ver tombar seu pae!...

Uma mulher, esposa e mãe, e uma creança, filho e irmão, sam obrigados a presencear o sacrifício dos que no mundo mais amavam!...

A conjuncção é bem de lágrimas e lucto!...

Um jovem príncipe, que nunca pensara em reinar, vê-se de repente assumpto às difficuldades do throno.

Com os olhos banhados em pranto, tendo aïnda nos ouvidos o eco dos tiros homicidas, e na alma a dor immensa de perdas incomparaveis, preside ao conselho de estado com um braço ao peito: participação benigna da tragédia de poucas horas antes!

Mofina condição, que rouba ao coração a própria liberdade da dor! Nem logar lhe deixa para as lágrimas e para o lucto!...

O país, a humanidade, repellem horrorizados o nefando crime que semiou tantas lágrimas e tanto lucto!...

Deus dê aos régios mortos, pela sua infinita misericórdia, o eterno descanso; e aos vivos a paz e serenidade que demanda esta lúgubre conjuncção de lágrimas e lucto!...

POLÍTICA

O novo ministério

O ministério, chamado de concentração monárchica, que acaba de assumir o poder em substituïção do presidido pelo snr. conselheiro João Franco, é assim composto:

Presidencia e Reino — Conselheiro Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.
Justiça — Conselheiro Campos Henriques.
Fazenda — Conselheiro Manuel Affonso de Espregueira.
Guerra — Conselheiro Sebastião Telles.
Marinha — Conselheiro Augusto de Castilho.
Estranjeiros — Conselheiro Wenceslau de Lima.
Obras Publicas — Conselheiro Calvet de Magalhães.

Conselheiro João Franco

O snr. conselheiro João Franco, segundo uma declaração publicada na imprensa, inclusivamente no *Diário Illustrado*, deixa por completo e definitivamente a política. Até já se retirou do país.

O que é a fortuna! Dentro de tres ou quatro dias, no auge do poderio e a caminho do exílio!

Mas não dizemos isto com desprêzo.

Sem motivo pessoal nenhum para o elogiar ou lhe ser agradecidos, não o tendo lisonjeado emquanto elle estava no govêrno, e tendo-o até combatido antes da sua subida ao poder, obriga-nos a imparcialidade e o amor da verdade a reconhecer nelle algumas qualidades apreciaveis.

Não o desprezamos pois: lamentamos o seu infortúnio.

A "Voz de Santo António,, fòra dos eixos

I

Ha de causar estranheza a muitos dos nossos leitores esta epígraphe. O mesmo nos aconteceria a nós, postos em seu logar.

Comprehendemos bem quanto é necessário evitar a desharmonia entre os soldados da mesma causa: se a união faz a fôrça, a desunião faz a fraqueza. Por isso é sempre fundo o pesar que nos causa o movimento divergente dalgum de nossos collegas na imprensa cathólica.

Da grande necessidade da união para a victória da causa resulta a obrigação da indulgência para as fraquezas accidentaes e passageiros desmandos, que não definem orientação systemática ou cuja reparação pública faria mais mal do que bem.

Ha porém limite para a indulgência que uns aos outros nos devemos no interesse da causa commum: e esse limite está no ponto em que da indulgência resulta damno para a causa. Então não só fenece a razão da indulgência, mas nasce o dever de a não empregar.

A união é o meio; o triúmpho da causa é o fim. Ora o meio é subordinado ao fim, que não o fim ao meio. Por conseguinte, quando a harmonia entre a imprensa cathólica se não pode manter senão à custa da causa, deve ser sacrificada a bem da causa.

Demais, quem quebra a harmonia é quem se afasta em sentido divergente, e não quem procura impedir os perniciosos effeitos desse movimento. Assim o entendeu e praticou sempre a Igreja cathólica desde Jesus-Christo a Pio X, e assim o dita a sã razão natural.

Antepomos estas explicações, para mostrar que somos obrigados a fazer o que hoje, com immenso pesar e só depois de muita reflexão e conselho, vimos fazer: accusar em público uma respeitada revista cathólica de publicar em suas columnas doutrina não só perigosa, mas manifestamente errónea; não uma vez, mas várias vezes; não por lapso, mas por systema; não irreflectidamente, mas apesar de maguadas advertências particulares.

Essa revista é a *Voz de Santo António*, de Braga. Escrevemos-lhe aqui o título com a mesma dor com que os verdadeiros christãos antigos (e de todos os tempos) apontavam, para prevenção dos incautos, os pastores transviados para a senda do êrro.

Num tempo em que os mais auctorizados cathólicos portugueses, abençoados pelos seus Bispos e pelo próprio Papa, lidam custòsamente pela formação dum partido político que tenha por alma o espírito christão; quando toda a imprensa cathólica do país vai remando, na medida das suas fôrças, segundo esse bello roteiro: apparece-nos a *Voz de Santo António* a fazer sobre o assumpto as mais estupendas affirmações.

Menoscabar o nacionalismo, que é a concretização daquelle movimento cathólico, é, da parte duma publicação cathólica, um procedimento temerário e provocador da desunião: procedimento, que, para se justificar, devia acompanhar-se de mais algum argumento do que insípidas ironias, mofas descabidas e nebulosidades nephelibatas.

Mas que, para menoscabar o nacionalismo, se injuriem as leis da lógica e, sobre tudo, se calquem aos pés os princípios da moral e se deturpem os factos, eiz o que o nosso amor da verdade e zêlo da causa cathólica nos não permittem que deixemos passar em julgado. E' indispensavel obviar aos perniciosos effeitos de tam mal avisada doutrinação.

E quem assim falla — como faz a *Voz de Santo António* — ao arrepio de *todos* os seus collegas e irmãos de armas, não pode queixar-se de que algum, embora o mais humilde de todos, procure attenuar os fructos de apostolado tam singular. Não é consequente que aquelles que edificam, achem bom que um só destrua a obra de todos.

Não ignoramos que este nosso procedimento ha de sacudir certas almas, que a tudo preferem a paz, seja ella de que qualidade e preço for. Quanto a nós, prevenidos disso pelo Evangelho, antes queremos que se diga: «A *Voz de Santo António* defende um êrro»; do que: «Eu faço assim, porque assim o ensina a *Voz de Santo António*.»

Sabemos que já alguns adversários do nacionalismo se têm servido da auctoridade da *Voz de Santo António* não só para justificar a sua permanência nos partidos inimigos da Igreja, mas até para zombar duns sacerdotes tidos por nacionalistas; e que os inconvenientíssimos dizeres da *Voz de Santo António* foram ou vam ser transcriptos por alguma imprensa liberal.

Se é isto o que os redactores da *Voz de Santo António* pretendem, ficam bem satisfeitos os seus desejos. Mas, sendo indubitavel que os principaes cathólicos práticos sam partidários e apóstolos do nacionalismo, com quem contam os redactores da *Voz de Santo António* nos momentos de crise, que, por desgraça dos nossos tempos, estám sempre imminentes? Combatendo e ridiculizando os seus amigos, aïnda á custa da moral e da lógica, esperam acaso crear nelles novas ou mais fortes dedicações?

Mas, se nem isto basta para os fazer arripiar caminho, esforçar-nos-hemos nós por deminuïr a damnosa influência da sua imprudente doutrinação, mostrando publicamente, segundo permittirem as nossas fôrças, quanto é falsa e destituïda de auctoridade a orientação da *Voz de Santo António*.

Accentuemos que não acudimos pròpriamente em defesa do nacionalismo; mas sim de princípios superiores que a *Voz de Santo António* tem offendido com damno do nacionalismo, e até sem relação directa com o nacionalismo, como a affirmação de que a instrucção se deve preferir à religião!!! (Nem a *Vanguarda* o diria tam clàramente como a *Voz de Santo António* no artigo *Analphabetismo*, do n.° de fevereiro corrente).

Isto vai a modo prólogo. A occasião não nos permitte que entremos hoje na refutação dos erros alludidos; mas não era conveniente que elles ficassem por mais tempo em completa paz, produzindo os seus naturaes effeitos.

P.e J. L. Leite de Faria.

Sciência religiosa

Os sacramentos da Igreja

CAPÍTULO I

Que é um sacramento?

O cardial Bellarmino responde que por sacramento se deve entender um signal sagrado, pelo qual Deus nos dá a sua graça e que representa exteriormente o effeito invisivel que ella opera em nossas almas. Se nós fôssemos, como os anjos, espíritos não unidos a corpos, Deus dar-nos-hia as suas graças por um modo inteiramente espiritual. Mas, como nós somos compostos de

alma e corpo, nosso Senhor, para condescender com a nossa natureza, dá-nos a sua graça por meio de várias acções corporaes, que nos mostram, por uma certa semelhança exterior, o effeito interior da graça.

Por isso é que ordinàriamente se dá a seguinte definição: «Um sacramento é um signal sensivel da graça, instituïdo por nosso Senhor Jesus-Christo, para nos santificar». Os sacramentos sam *signaes sensiveis*, isto é, acções ou coisas que caem sob a acção dos sentidos: acções ou coisas, que nós podemos ver com nossos olhos ou ouvir com nossos ouvidos. E estes signaes representam ou nos fazem conhecer outra coisa que nós não vemos, isto é, a graça interior e invisivel que Deus opera em nossas almas, communicando-nos os méritos da paixão do Redemptor. Assim, uma coisa é o que elles representam aos nossos sentidos, e outra o que fazem conhecer à nossa intelligência, como diz S. João Chrisóstomo.

Na verdade, quando se baptiza uma pessôa, ha várias coisas que impressionam os sentidos: vemos a agua que se derrama, e ouvimos as palavras que o sacerdote pronuncia; o que sam outros tantos signaes sensiveis. Mas que significa esta agua? Que significam estas palavras? Significam a graça de Deus, que lava a alma das máculas do peccado, assim como a agua lava as manchas do corpo.

Na Confirmação, emprega-se óleo e bálsamo, coisas ambas materiaes, que têm a propriedade de fortificar o corpo, de o preservar da corrupção, e que por isso exprimem muito bem a virtude deste sacramento em nossas almas, as quaes elle fortifica contra as tentações e preserva da corrupção do peccado.

Na Eucharistia, vemos as apparências do pão e do vinho. Qual é a propriedade do pão e do vinho? E' alimentar. Do mesmo modo, a Eucharistia alimenta as nossas almas e nellas sustenta a graça santificante.

Na Penitência, ha várias coisas que impressionam os sentidos: a accusação dos peccados, os signaes de arrependimento que o penitente dá, as palavras do sacerdote que absolve. E' dalgum modo todo um processo que o peccador instrue contra si mesmo com a sua consciência, no tribunal de Deus, a cujo juïzo entrega a decisão da sua sorte. E, quando o sacerdote pronuncia estas palavras: «*Eu te absolvo*», eiz o signal sensivel da graça, que desce logo à alma do peccador e a purifica de suas iniquidades.

Na Extrema-Uncção, o sacerdote applica óleo consagrado em diversos pontos do corpo do doente: este óleo é o symbolo da graça, que apaga os peccados do enfêrmo e que ao mesmo tempo lhe dá a fôrça de luctar contra o demónio e de resistir às suas pérfidas suggestões.

Na Ordem, ha várias cerimónias augustas que caem sob a acção dos sentidos: a imposição das mãos, as insufflações, a tradição dos diversos instrumentos de que os ministros dos altares se devem servir no exercício das suas funcções. Sam outros tantos symbolos dos poderes que Deus lhes dá, e das graças necessárias para que elles bem se desempenhem do seu cargo.

Finalmente no Matrimónio, o consentimento mútuo dos esposos e a benção do sacerdote significam a graça que une irrevogàvelmente os esposos um ao outro, e as bênçãos que devem suavizar os males inseparaveis do seu estado.

Eiz aqui como os sacramentos sam os *signaes visiveis duma graça invisivel derramada em nossas almas.*

A amêndoa e a casca—diz o P.e Faber—sam duas coisas bem differentes. A casca encerra o fructo por causa da amêndoa: aquelle que vê a casca, espera encontrar encerrada nella alguma amêndoa; aquella vê-se, mas esta não. Assim procedeu Jesus-Christo com a amêndoa preciosa da graça: encerrou-a em signaes sensiveis, como numa casca; quem quiser ver o interior, tem de tomar a casca.

(Continúa).

Sciência prática

Vèdores de agua

Segundo ouvimos, esteve ha pouco em Guimarães um homem (português, mas não nos lembra de que parte do país) que indica com maravilhosa facilidade, promptidão e segurança a existência das aguas subterráneas. Algumas pessôas, ao ouvirem contar as façanhas do referido cavalheiro, mostram-se incrédulas. Pela nossa parte porém, aïnda que nem vimos as operações nem conhecemos o operador, nenhum receio temos de acreditar nos factos narrados. Sabemos que ha muitos outros absolùtamente authênticos, embora a sciência não tenha dado delles, até hoje, uma explicação cabal. Permittam-nos os nossos leitores que preenchamos hoje esta secção com a exposição dalguns desses factos: exposição, que por si já dá margem ou fundamento à discussão scientifica da causa, a qual nós deixamos aos nossos leitores.

*

O seguinte facto é narrado na importante revista scientifica francesa, o *Cosmos*, n.º 1187, de 26 de outubro último, pag. 451. O agente é nada menos do que um Vigário apostólico na China.

O operador suspende a um barbante, que elle segura entre dois dedos da mão, um pedaço de metal. Se houver agua debaixo do logar onde se faz a operação, o operador vê, sem fazer nenhum movimento com a mão, o pedaço de metal começar a descrever um círculo tanto maior, quanto a agua é mais próxima e mais abundante.

O metal não é indifferente: um relógio de aço ou de prata, a cruz peitoral de ouro, um pedaço de chumbo ou de cobre dam o resultado desejado. O ferro, a lata, o aluminio, o estanho não giram. Coisa curiosa: se em cima do estanho se puser um pedaço de carvão, a experiência dá excellente resultado; o carvão, só, não dá quasi nada, e o estanho, só, absolùtamente nada.

Se o operador não estiver precisamente sobre a nascente ou veia de agua, o circulo muda-se em ellipse, allongada para a veia líquida, uma vez que esta não esteja muito afastada.

O movimento realiza-se invariàvelmente no sentido inverso dos ponteiros dum relógio, isto é N.-W.-S.-E. Terá o mesmo sentido no hemisphério austral? Ou terá o sentido contrário?

Nem todas as pessôas sam aptas para obter este movimento. «Os Europeus» diz o illustre Prelado «parecem-me ser a isso mais sensiveis do que os Chineses.»

A rotação começa mais ou menos promptamente segundo as pessôas. E cessa logo que outra pessôa ou o próprio operador toca a mão que sustenta o cordel. «Parece-me» accrescenta sua Ex.ª «ter sentido então nas mãos a mesma impressão que se sente quando se toca uma máchina eléctrica, mas dum modo fraco, muito fraco.»

No n.º 1200 da mesma auctorizada revista, de 25 de janeiro findo, pags. 86, 87 e 88, encontra-se a seguinte exposição feita por um collaborador sobre o mesmo assumpto. Os parêntheses sam nossos.

Em 1895, encontrando-me em Clermont-Ferrand, fui testemunha dos factos seguintes:

«Tendo alguns dos meus companheiros posto em dúvida a faculdade especial dos vèdores de agua (assim se deve traduzir o neologismo francês «*sourciers*»), resolvemos pôr à prova uma pessôa, que segundo se dizia, era largamente dotada desta faculdade.

«A experiência realizou-se no páteo e no jardim do prédio chamado *La Châsse*, n.º 70, rua de Fontgiève.

«O vèdor vinha do occidente da França, e nunca habitara em Clermont: não podia portanto conhecer o terreno; por outro lado, o seu caracter e a sua reputação punham a sua bôa fé a salvo de toda a suspeita.

«De cada vez que elle se approximava do logar onde estám enterrados os tubos do esgôto, a varinha, cujos ramos elle segurava, começava a torcer-se-lhe nas mãos. Assim determinou elle facilmente a direcção da corrente: hesitou um pouco para indicar a profundidade, mas apenas se enganou num pé.

«Descobriu tambem a fonte que alimenta um poço, que estava complètamente dissimulado numa adega subterránea.

«Nós estávamos todos pasmados: comtudo alguns scépticos ousavam aïnda fallar de mystificação. De repente a vara principiou a torcer-se dum modo singular, chegando quasi a quebrar-se. Admiração geral. Nenhum de nós conhecia a corrente de agua que occasionava aquelle phenómeno.

«O vèdor determinou o sentido da corrente, retirou-se para a direita, depois para a esquerda, e declarou que a cinco pés havia uma grossa veia de agua. Varados, abrimos um fôsso de dois metros de comprido e da profundidade indicada; e a enxada topou num cano de arenito (assim se deve dizer em português em logar do francesismo *grés*). Furado o cano pela violência do choque, a agua jorrou logo com fôrça. Mais tarde soubemos que era o cano que conduzia as aguas calcáreas da montanha vizinha para a famosa fonte petrificante de Sainte-Allyre.

«Estávamos convencidos. Não restava dúvida de que era a presença da veia de agua quem produzia a torção da varinha.

«Operar-se-ha esta torsão segundo a vontade do operador? E' evidente que não. Pelo menos é esta a opinião de todos os vèdores que tenho conhecido.

«No mês de agosto passado, encontrei uma pessôa de Montreal, do Canadá, que possue este dom. Conveiu ella em repetir perante mim a experiência que acabava de fazer. O relógio—pois o relógio desempenha o mesmo papel que a varinha—girava mais ou menos depressa, segundo nos approximávamos ou afastávamos da corrente.

—Podeis impedir o relógio de girar?» perguntei eu. —Não. —Podeis modificar o seu movimento? —Não. —Tendo o relógio na mão, sentis a presença da agua? —Sim: mas muito mais fràcamente do que quando o tenho suspenso pela corrente.

«Assim se vê que a vontade do vèdor nada influe nos movimentos da varinha ou do relógio. Aliás, se a vontade bastasse para ser vèdor, toda a gente o podia ser: e a experiência demonstra que isso é um dom innato.

«Conheço dois homens que, quando creanças, o possuïam em raro grau. Um delles, aos quatorze annos, era tam impressionavel, que a varinha se quebrava em suas mãos. Foi preciso prohibir-lhe as experiências: a tal ponto ellas lhe excitavam o systema nervoso. O outro, de quinze annos de edade, começava a transpirar quando a varinha começava a girar. Ambos eram de compleição delicada e muito nervosos.

«Este dom parece comtudo susceptivel de desenvolvimento. Assim, o vèdor canadiano, de que acima fallei, diz que, quando começou, a varinha ou relógio giravam muito pouco.

«Sei dum religioso que tambem tinha desenvolvido este dom. Não só localizava uma corrente ou um depósito de agua, mas chegara, à fôrça de experiências, a conhecer a presença dos metaes preciosos no solo ou nos moveis. Fez a este respeito uma experiência inteiramente concludente, ha dois annos, no Banco de Montreal. Em presença do gerente e de vários empregados deste estabelecimento, designou com grande segurança os cofres fortes que continham a moeda cunhada.

«Morreu na occasião em que partia para a Gaspésia, a fim de experimentar o seu saber num terreno que se desconfiava que encerrasse minas de ouro. Todos os que o conheceram crêem que as suas experiências tiveram uma influência desastrosa na sua saüde.»

E não é só a agua, o ouro e a prata quem tem influência sobre a varinha, ou sobre os metaes com que a experiência se pode fazer. Numa das experiências do vèdor de Clermont averiguou-se que um filão de areia quartzosa produziu o mesmo effeito, talvez por encerrar partículas de ouro ou prata, como é frequente em taes filões.

«Agora, para concluïr,» termina o dito escriptor «como explicar os movimentos da varinha ou do relógio? Creio que sam produzidos por um fluido particular, análogo a fluido magnético. O facto de que um contacto estranho basta para fazer perder ao vèdor o seu poder, parece confirmar esta hypóthese.»

F.

Anecdotas históricas

C

O anno de 1558. — O anno de 1558 foi uma larga demonstração de que os mais poderosos príncipes sam humildes tributários da morte. Durante elle, morreram vinte personagens illustres: o imperador romano Carlos V; dois reis da Dinamarca, um no throno, outro numa prisão; um rei de França; um duque de Veneza; um pontífice romano; um conde palatino; um eleitor do império; tres raïnhas, uma de França, outra da Hungria e outra da Polónia; um arcebispo de Colónia e dez cardiaes.

CI

Mortes de soberanos.—E' bem notavel o fim trágico de muitos dos soberanos famosos na história. Recordemos o de alguns. Sesostris perdeu a vista; Nino foi morto por ordem de sua esposa Semiramis; a mesma Semiramis, tam apaixonada da guerra, foi morta por seu filho; Cyro foi vencido por uma mulher, e a sua cabeça banhada em ondas de sangue; Alexandre morreu, se não envenenado, pelo menos em consequência das desordens e excessos com que celebrava os seus triümphos; Cesar foi assassinado por aquelles mesmos a quem cumulara de beneficios; Attila morreu no meio dos prazeres que lhe suggeria o seu orgulho e sensualidade; Albion foi morto a instigação de sua esposa; Mahomet morreu envenenado por uma de suas mulheres; Chosroes morreu nas dores do exílio; Bajazet, depois de morto, foi arrastado pelas ruas, mettido numa jaula; Carlos XII, da Suécia, foi morto pelas balas turcas; Napoleão morreu em Santa Helena, em triste e rude captiveiro.....

CII

Em meio século. — De ha meio século para cá foram commettidos os seguintes attentados contra soberanos:

1854 — Assassinato de Carlos III de Parma, por António Carra;

1860 — Do príncipe Dauilo de Montenegro, por Kaditsch;

1865 — De Lincoln, presidente dos Estados-Unidos, pelo actor Booth;

1868 — Do príncipe Miguel da Sérvia, por partidários de Karageorgewith;

1881 — De Alexandre III, da Russia, por nihilistas;

1881 — De Garfield, presidente dos Estados-Unidos, por Guiteau;

1894 — De Carnot, presidente da rèpública francêsa, por Casério;

1896 — Do Schah da Pérsia, Nasr-ed-Dine, por Mollah Rezah, membro da seita dos babis;

1897 — De Jdiarte Borda, presidente da rèpública do Uruguay, por Arredondo;

1898 — Da imperatriz Isabel da A'ustria, por Luccheni;

1899 — De Ulysses Henreaux, presidente da rèpública dominicana, por Cacéres;

1900 — Do rei Humberto, de Itália, por Bresci;

1901 — De Mac-Kinley, presidente dos Estados-Unidos, por Crolgosz;

1903 — Do rei Alexandre e da raïnha Draga, da Sérvia, no konak de Belgrado, por uma horda de conjurados;

1908 — Do rei D. Carlos e de seu filho o príncipe D. Luís Philippe, por Alfredo Luís da Costa e Manuel dos Reis da Silva.

CIII

Santa Mathilde e seus filhos. — Santa Mathilde conduziu um dia seus tres filhos e duas filhas, todos vestidos de preto, ao túmulo de seu pae, Henrique I, imperador da Allemanha, e disse-lhes: «Aqui vedes, meus filhos o que é o homem! Vosso pae era um grande imperador, o príncipe mais poderoso da terra! Mas nem por isso Deus deixou de o chamar deste mundo: e todos os seus exércitos invenciveis seriam impotentes para delle afastar a morte; nenhum poder humano seria capaz de differir o momento em que a sua alma se apartou do corpo. Corôa, sceptro, magnificência do mundo, tudo lhe escapou: o seu envólucro terrestre, depois de ter sido privado da vida, houve aïnda de se tornar em pó. Mas a sua alma, isto é, elle, foi obrigada a comparecer deante de Deus, para aí dar conta das suas obras.»

L. F.

Curiosidades

Cachimbos. — Eiz aqui uma boa nova para os fumistas: descobriu-se em o Novo-Mexico uma rica mina de escuma de mar ou silicato de magnesia. Chega muito a proposito o descobrimento: estavam a esgotar-se as minas do antigo continente. Demais seria um erro crer que a escuma do mar serve unicamente para fabricar cachimbos. Sabe-se que, para tornar menos perigosa a manipulação e transporte do terrivel explosivo que é a nitroglycerina, se impregna com ella uma substancia porosa: assim é que a dynamite é barro embebido de nitroglycerina; ora a escuma de mar presta-se a este emprego muito melhor que o barro; apenas tira á glycerina um pouco do seu poder explosivo, e não produz, na occasião da deflagração, nem fumo nem vapor. Somente o seu preço bastante elevado tem restringido até agora o emprego.

Um correio que não corre. — Uma carta expedida do Monte Athos, perto de Salonica, levou setenta e tres annos a chegar ao seu destino em Corfú. Com effeito esta curiosa missiva traz a data de 15 de junho de 1834 e a assignatura do superior do convento de San-Dionysio, o archimandrita Stefanos. Este annuncia a uma dama de Corfú que aí será enviada uma missão composta de monges para recolher subscripções em favor do convento. Ha longos annos que o destinatario desta carta não é já deste mundo, e foi ao seu neto, em Corfú, que a entregaram. A carta não traz estampilha nenhuma. Sòmente perto do endereço se vê o carimbo apagado do correio, onde com difficuldade se pode decifrar a palavra Corfú, em caracteres latinos. Que circunstancias mysteriosas retardaram durante tres quartos de seculo a chegada dessa correspondencia ao seu destino? A carta foi encontrada ultimamente num masso postal, esquecido num canto dos archivos da ilha.

Cofre-forte.—Um grande banco de Nova-York, depois de numerosos e longos ensaios, adoptou um novo modelo de cofre-forte que parece dever offerecer-lhe todas as garantias de segurança. Ora apreciem: A construcção deste cofre—só a porta exterior pesa 6:000 chilogrammas—permitte-lhe desafiar os ataques nocturnos dos arrombadores e resistir aos phenomenos naturaes, como tremores de terra e desabamentos. Collocado numa loja profunda de 12 metros, o guarda pode ver, por um engenhoso systema de perioscopios, simultaneamente todas as faces. Em volta deste cofre estam dispostos tubos que em caso de ataque projectariam sobre os aggressores poderosos jactos de vapor; emfim, toda a pressão em qualquer das suas partes abala uma rede de campaïnhas electricas que resoam em todo o estabelecimento.

Litteratura

Pequenina demais

Numa collina, a cujo pé um valle desenrola os seus prados e vergeis, empertiga-se um castello pomposo. Chamam-lhe o castello da Cruz Vermelha.

Para o castello da Cruz Vermelha erguiam-se todos os olhares do valle. Todas as conversações se occupavam delle, e a elle subiam os melhores productos das quintas da redondeza. Os castellãos eram generosos e procediam affectuòsamente com todos.

Em certa manhã de maio, desde o romper da aurora, uma aldeãzinha de cinco annos escalava, com grande dispêndio de pequeninos passos, o atalho da collina. A creança levava no braço uma cestinha coberta com um guardanapo branco. Sob o guardanapo ia um appetitoso bolo de manteiga: à memória da pequenita occorria a cada passo esta ordem de sua mãe:

—Maria, vai a cima da mesa, pega naquella manteiga e vai levá-la à menina do castello: não a entregues senão a ella.»

Maria pusera-se a caminho: trepava neste momento a ladeira e não tardava que chegasse a uma das portas do castello.

Quando Maria chegou junto do grande portal, aïnda era cedo e a porta estava fechada. Era preciso bater, para que alguem viesse o abrir. Maria pensou nisso, e tentou fazê-lo. Infelizmente a aldrava estava muito alta. Estendeu então o braço quanto pôde: mas debalde. Pôs-se nas pontas dos pés: mas qual!... Era impossivel.

A pequenita, desanimada, esgrimiu-se inùtilmente a bater com o tacãozito: decerto ninguem ouviu, porque ninguem appareceu.

Teve de esperar, encostada à surda couceira de carvalho, que alguem por acaso saïsse. Foi o que com effeito veiu a succeder. O cozinheiro de súbito tirou uma tranca. Maria apenas teve tempo para se endireitar e não caïr no chão.

—Olá!... Tu aqui?... Tam cedo!... E aposto que já aqui estás ha muito tempo?

—Sim, senhor: não pude bater; a aldrava está tam alta!...

—E tu és tam pequena! Vamos, entra.

Este «tu és tam pequena» soou muito desagradàvelmente aos ouvidos de Maria. Era como uma censura; e isto humilhava-a, porque ella tinha muito amor próprio. Entrou, e começou a subir a escadaria, como um pardal que saltitasse de degrau em degrau. Sabia muito bem por onde havia de passar: muitas vezes já tinha vindo assim a casa da menina da Cruz Vermelha. Na antecámara encontrou uma creada, que lhe disse:

—Ah! já por aqui andas? Deixa que eu vou ver se a menina jà está accordada.»

Emquanto a creada se foi informar, Maria olhou para um immenso espelho, que cobria toda a parede acima do fogão. Tentou ver-se. Mas, em bicos de pés, não via senão o lencito da cabeça e os seus cabellos loiros. Não deu fé da volta da creada, que, vendo a creancita a fazer esforços para se ver no espelho, lhe disse surrindo:

—E's muito pequena!»

Este novo «muito pequena» foi cruel para o coração de Maria; porque ella era tambem um tanto casquilha. Desta vez era como um escárneo. A pequena suspirou, e, atravessando a antecámara, desappareceu debaixo dum cortinado que a creada levantara para ella passar.

O quarto da menina da Cruz Vermelha era magnífico, mas sobre tudo o leito em que descansava a jovem castellã, que tinha quinze annos. Esse leito, elevado como um throno, tinha dois degraus para se subir para elle, e um vasto dossel, sustentado em quatro pequenas columnas, para o abrigar.

—Bons dias, Maria! Vens-me trazer mais uma goludice de tua mãe? Que é? Vamos ver? Chega para aqui a cesta.»

Maria esforçou-se por levantar a cesta até ao nivel do leito. Mas não podia.

—Ah! tu és muito pequena!» murmurou surrindo a destinatária do presente, que se inclinou para deitar a mão à asa da cesta.

Maria lançou para a jovem castellã um longo olhar de descontentamento. Sempre «muito pequena»!... E desta vez haviam-lho dito em tom de compaixão! Como isto a fazia triste!

Emfim, cheia de agradecimentos e abraços, Maria voltou para o valle.

Durante alguns dias, a pobre creança julgou-se muito infeliz. Aquelle «muito pequena» revolvia-lhe loucamente o pequenino cérebro e pobre coração. Ser «muito pequena» neste mundo parecia-lhe um grande defeito. A esse respeito lá foi arranjando um monte de ideias a seu modo, das quaes não fallava a ninguem e que a tornavam tímida e sonhadora.

Todavia lá foi esquècendo com o tempo aquella creancice, e cresceu. Tinha quinze annos, e aïnda visitava algumas vezes a sua amiga do castello, que então contava os seus vinte e cinco, mas era, como outrora, cheia de bondade.

Entretanto a revolução ateou-se, victimando os grandes senhores. O castello da Cruz Vermelha não escapou à tormenta.

Um dia espalhou-se no valle a noticia de que a donzella da Cruz Vermelha tambem tinha subido ao cadafalso. A consternação apoderou-se dalgumas bôas famílias que tinham permanecido fieis à recordação e ao reconhecimento. Maria escondeu-se para chorar: mas o terror dominou-a.

—Minha mãe,» disse ella com espanto «e se me viessem buscar tambem para me cortar a cabeça, como fizeram à senhora da Cruz Vermelha?...

—Não tenhas medo, minha filha. Tu és muito pequena!

Esta expressão recordou-lhe a sua infância e a sua cruel magua de outrora. Era chegado finalmente um dia, em que ella se podia julgar feliz de ser «muito pequena». Maria tinha agora bastante razão para o comprehender. Felicitava-se por não ser mais do que uma pobre camponesa, que o cutello não tentaria ir buscar a tam baixo, qual a herva minúscula a que a raio não desce.

A revolução acalmou-se. Não cortara senão algumas cabeças aqui e àlém. No país começava a expansão, o riso e o trabalho à vontade.

A pobre Maria penava muito, como todas as camponesas, ao sol e à chuva, e um dia, ao cabo duma segada, estava com uma pneumonia. O párocho vinha à sua cabeceira e fallava-lhe do ceu.

—O ceu! Ah! como elle é alto!» murmurava a coitada «Serei eu digna de para lá ir?... Eu tremo. Sinto-me tam pouca coisa, senhor abbade! Sou tam pequena!...

—Minha filha, isso é boa humildade. Deus ama e recompensa os pequenos: é elle que o ensina. A'nimo!»

Maria não morreu: mas não receava a morte. Regozijava-se de pensar que o sentir-se «muito pequena» era uma condição para que Deus a amasse e recebesse no ceu.

—Como é possivel» dizia ella «que eu, outrora, me julgasse tam infeliz por ser «muito pequena»? Agora sei quanta segurança e felicidade ha, até neste mundo, algumas vezes, em se ser «muito pequeno».

Mimesis.

Bibliographia

Recebemos e agradecemos:

—**Grande Catecismo Cathólico do Padre Deharbe.** — E' um verdadeiro catecismo pelo estylo ameno e singelo; e, mais do que isso, é um verdadeiro tratado pela desenvolvida exposição e demonstração de todas as verdades cathólicas: numa palavra, é um *grande catecismo cathólico.* Todas as provas e razões que nos compêndios de theologia se expõem e nos tratados se desenvolvem, se encontram na monumental obra de Deharbe, mas sem a concisão e aridez fastidiosa dos primeiros, e a prolixidade e desenvolvimento dos segundos. Com admiravel simplicidade e ao mesmo tempo com rigor theológico sam ali expostas as verdades santas da nossa religião. A sua leitura é duma necessidade e importância indiscutiveis nos tempos actuaes, tempos de incredulidade e indifferentismo; porque ella subjuga a razão e enche a alma dum santo amor à religião e à virtude. Aos cathólicos é necessário para saberem dar a razão da sua fé; aos não cathólicos para verem a sem-razão dos seus erros e preconceitos. E a este fim se dirige dum modo especial a caderneta n.º 2, que agora acabamos de receber, a qual se occupa da *Fé*, num magistral estudo. Recommendamos com muito encarecimento aos nossos assignantes a acquisição desta bella obra, editada pela Empresa da *Revista Cathólica*, de Vizeu.

—**Sermões do Padre António Vieira**, volume VI. E' um tômo de 420 páginas, com os seguintes discursos: cinco Sermões do Santíssimo Sacramento, Um da Dominga Décima Sexta depois do Pentecostes, um da Dominga Décima Nona depois do Pentecostes, dois da Dominga Vigésima Segunda depois do Pentecostes, um de S. Gonsalo, um de S. Sebastião, um de S. Pedro Nolasco, e tres de S. José. Quanto à edição, que, como temos dito, é da Livraria Chardron, de Lello e Irmão (Carmelitas, 144, Porto), nada temos que accrescentar ou tirar às apreciações feitas a respeito dos anteriores volumes.

Noticiario

Por alma do snr. D. Carlos e do snr. D. Luís Philippe. — Por iniciativa do snr. coronel Isidoro de Magalhães Marques da Costa, digno commante do regimento n.º 20 de infantaria do infante D. Manuel, celebrou-se hoje, ás 11 horas e meia da manhã, uma Missa em suffragio das almas do fallecido rei D. Carlos e do principe real. O acto realizou-se no vasto templo de S. Francisco, que estava repleto de gente. Entre a assistencia via-se o que em Guimarães ha de mais distincto em todas as classes sociaes.

Telegrammas de condolencia. — Muitas pessôas e collectividades desta cidade, maguadas e indignadas com o barbaro attentado do ultimo sabbado—que nos dispensamos de narrar por ser do conhecimento dos nossos leitores — enviaram telegrammas de protesto e condolencias á familia real. Alem dos que temos visto publicados na imprensa, sabemos dos seguintes, enviados pelos corpos dirigente, docente e discente do Seminário-Lyceu:

A Sua Majestade a Raïnha Dona Maria Amelia

Lisbôa

Corpo dirigente e alumnos internos Seminario-Lyceu de Guimarães, vivamente consternados infame attentado, tomam parte dor Vossa Majestade e protestam inteira fidelidade.—*Vice-Reitor.*

*

A Sua Majestade El-Rei

Lisbôa

Corpo dirigente e alumnos internos Seminario-Lyceu de Guimarães, tendo enviado pesames a Vossa Augusta Mãe, saudam Vossa Majestade por ter escapado attentado infame e promettem inteira fidelidade.—*Vice-Reitor.*

*

A Sua Majestade El-Rei Dom Manuel segundo

Lisbôa

O reitor e corpo docente do lyceu de Guimarães, profundamente horrorizados pelo infamíssimo attentado de que resultou a enorme perda que Vossa Majestade e a nação acabam de soffrer, apresentam a Vossa Majestade a respeitosa expressão das suas condolências. E, saudando na pessôa de Vossa Majestade o novo Rei de Portugal, fazem votos a Deus por que o reinado de Vossa Majestade seja cheio de prosperidades.

*

A Sua Majestade a Raïnha Senhora Dona Amélia.

Lisbôa

O reitor e professores do lyceu de Guimarães, cheios de horror contra o infamíssimo attentado que causou a enorme perda que Vossa Majestade e a nação actualmente supportam, apresentam a Vossa Majestade e a toda a Real Família a respeitosa expressão das suas condolências.

*

Tambem foi enviado o seguinte, pelo Circulo Catholico de Sande:

A Sua Majestade D. Manuel II

Lisbôa

O Circulo Catholico de Sande, interpretando a profunda consternação do povo desta aldeia pela tragica morte do Snr. D. Carlos I e esperançoso principe, dá sentidissimos pesames á desolada Familia Real Portuguesa.—Presidente, *P.e Silva Gonsalves.*

Festa sympathica. — As congregações das Filhas de Maria formadas pelas alumnas e pelas ex-alumnas do Collegio da Sagrada Família, desta cidade, celebram na capella do collegio, no proximo dia 11 do corrente, 50.º anniversario da primeira apparição de Nossa Senhora de Lourdes, uma festazinha simplez, mas muito devota e sympathica, como abertura do anno jubilar das maravilhosas apparições. De manhã, aí pelas 7 ½ horas ou pouco depois, Missa rezada e communhão geral, com varios cantos piedosos. Durante o dia, exposição do Santíssimo Sacramento, perante o qual velarám turnos de devotas congregadas de Maria. De tarde, admissão de Filhas de Maria, pratica e encerração. Aquellas congregações das alumnas e ex-alumnas do collegio, convidam todas as congregações marianas de mulheres estabelecidas nesta cidade, para tomarem parte nesta solemnidade que a todos interessa; e recommendam que todas as pessôas que, de harmonia com este convite, desejarem assistir, se apresentem com as suas insígnias, segundo o grau que tiverem nas congregações de Nossa Senhora a que pertençam.

Beneficencia. — O administrador do concelho de Guimarães, snr. Visconde de Sendello, da verba de beneficencia de 1907, distribuiu as seguintes quantias pelas associações e casas de beneficencia, desta cidade:

Artistica Vimaranense	50$000
Cortidores e Surradores.. ...	50$000
Fabricantes de calçado... ...	30$000
Asylo de Santa Estephania ...	114$000
Asylo de Mendicidade	114$000
Creche de S. Francisco	20$000
Recolhimento das Trinas. ...	5$000
Beatas do Asylo	5$000
Albergue de S. Chrispim	2$500
Albergue das Velhas da Senhora da Saude	2$500
Albergue de Santa Margarida..	2$500
Pão dos pobres de Santo Antonio, das Dominicas	10$000
Pão dos pobres de Santo Antonio, de S. Francisco	10$000
Bombeiros Voluntarios... ...	50$000
Conferencia de S. Vicente de Paulo..	12$500
Total ...	478$000

Contribuições do Estado.—Foi prorogado até ao dia 29 do corrente mês de fevereiro o prazo para pagamento voluntario das contribuições geraes do Estado devidas pelo anno de 1907.

Aviso aos contribuintes.

Annuncios

Annuncio

1.ª Publicação

Para os effeitos do § 2.º do art. 407 do codigo de processo civil, se annuncia que a acção especial, requerida no juizo de direito desta comarca, pelo cartorio do escrivão, abaixo assignado, por Maria Cardoso, auctorizada por seu marido Francisco Dias, do logar de Alem, da freguesia de S. Thomé de Caldellas, desta comarca, para a successão e entrega, sem prestação de caução, dos bens da herança de seu irmão Domingos Cardoso, que se ausentou no estado de solteiro e sem descendentes para os Estados Unidos do Brazil ha mais de vinte annos, sem delle ter havido noticias, não constando que deixasse testamento e tendo sido seu ultimo domicilio neste país no logar do Montinho, na freguesia de S. João de Brito, desta dita comarca, foi julgada procedente e provada por sentença de 4 de novembro findo e a autora habilitada como unica e universal herdeira do dito ausente seu irmão Domingos Cardoso para o fim de receber a herança deste, sem caução, começando a contar-se da ultima publicação deste annuncio o prazo de quatro meses, a que se refere o dito § 2.º do citado art. 407 do codigo de processo civil.

Guimarães, 2 de dezembro de 1907.

Verifiquei

Silva Leal.

O escrivão,

João Joaquim de Oliveira Bastos.

EMPREGADO

Precisa-se na casa "Singer,, em Braga, para a venda e cobrança de machinas em Brito e suas proximidades, preferindo-se individuo conhecedor daquellas localidades.

Pensionato Academico

GUIMARÃES

No *Pensionato Academico* recebem-se em qualquer epocha do anno alumnos internos, semi-internos e externos para instrucção primaria, secundaria e curso commercial.

Os professores têm longa pratica de ensino. A disciplina é suave e a alimentação sadia e abundante.

As aulas de explicações do curso dos lyceus e curso commercial correm com toda a regularidade e bastante frequencia.

As condições para a admissão constam do respectivo programma, que deve ser pedido á *Direcção do Pensionato Academico,* Rua de S. Domingos — Guimarães.

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de

Trabalhos domesticos

Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande reducção de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.ª

SUCCURSAES

Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães — Avenida do Commercio.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranense—Rua de Payo Galvão—Guimarães

Os beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um volume de 60 páginas, em 8.º:

Em brochura . ... 50 reis
Cartonado ... ... 100 »

As Bem-aventuranças evangelicas *postas ao alcance de todos,* pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Traducção do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 páginas, em 8.º:

Em brochura . ... 50 reis
Cartonado ... ... 100 »

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.mo Arcebispo Primás.

Um volume de 112 páginas, em 8.º:

Em brochura . ... 100 reis
Cartonado ... ... 160 »

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

A Biblia—*Questão Vital,* pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 48 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Officio da Immaculada Conceição, texto português, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 páginas, em bom papel:

Preço ... ... 20 reis
Pelo correio, por cada 5 exemplares.. 10 »

A Cruz Alliviada *ou motivos de consolação nos trabalhos,* do P. Piamonti, S. J., versão portuguesa por um professor da Escola Apostolica da SS. Trindade, com licença da auctoridade ecclesiastica.

Um volume de 112 páginas, em 16.º grande:

Em brochura . ... 120 reis
Pelo correio .. ... 130 »

A laranjeira em Portugal—Selecção, enxertia, cultura, etc., por M. N. Martins, professor de sciencias naturaes.

Um folheto:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio ... .. 60 »

Um passeio a Vizella e Guimarães, por José Victorino Pinto de Carvalho.

Um volume de 134 páginas:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Educação—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMMARIO: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para comsigo proprio. IX—Deveres para com o proximo. X—*Civilidade:* Tratamentos. — Cartas. — Conversação. —Visitas.— Baptisados. — Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

Um volume de 80 pag. elegantemente cartonado, titulos dourados, cantos redondos, folhas vermelhas.

Preço ... ... 100 reis
Pelo correio .. ... 110 »

Um chefe de estado, por D. Gabriel Garcia Moreno, presidente da Republica do Equador. Versão portuguesa por A. de Faria Barros.

Elegante brochura ornada com o retrato do heroe.

Preço ... ... 100 reis
Pelo correio .. ... 110 »

Nem de mais nem de menos, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francês por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

Vida breve e popular de D. João Bosco, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 páginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço ... ... 400 reis
Pelo correio .. ... 450 »

Izabel, por Dorothea de Boden, Versão do francês por Brites de Almeida.

Um volume de 156 páginas, em 16.º:

Preço ... ... 50 reis
Pelo correio .. ... 60 »

A Dictadura, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 páginas, formato elegante:

Preço ... ... 250 reis
Pelo correio .. ... 270 »

O almocreve das petas, por Spiritus Asper.

1.º volume, com 128 páginas, em 8.º:

Preço ... ... 80 reis
Pelo correio .. ... 100 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serám attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Sellos para collecções.—Nacionaes e estranjeiros, em cartas com 25 sellos, desde 20 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um.

Ha grande variedade.

Estampas religiosas.—Coloridas, *lembranças de 1.ª communhão,* para meninas e meninos, registos com diversas imagens, tudo a preços modicos.

Sendo as encommendas avultadas fazem-se descontos vantajosos.

Bilhetes postaes illustrados.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

ESTABELECIMENTO
—DE—
Antonio de S. Boaventura Mendes Guimarães
63, 65—Rua de Gil Vicente—67, 69
GUIMARAES

Neste estabelecimento, alem de muitos outros artigos, encontram-se á venda bancas de lousa de diversos tamanhos; redomas de vidro, ingens e artigos religiosos; grande variedade de papeis pintados para os tos gostos, para forrar salas, bem como guarnições combinadas mesmos, de que acaba de receber grande sortido.

Os preços sam os mais limitados possivel.

Obras primas de litteratura portuguêsa

Nova edição completa dos

Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, comprehendendo toda a obra oratoria do genial prègador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 réis cada volume brochado e 700 réis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Sairá um volume mensalmente e já está publicado o quinto.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

P.e G. Bouffler

DA COMPANHIA DE JESUS

Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS

EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francês pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.º inglês, de X—520 páginas, optima impressão e bom papel

Preço ..... 500 reis
Pelo correio..... 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, *Padre Anselmo Gonsalves* — Arcos de Valdevez.

GRANDE

Cathecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religião

PELO

PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNACULO

PELO PRESBYTERO

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.ª classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Cathecismo do celebre e doutissimo Jesuita Allemão, o rev. Deharbe.

Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Cathecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, prégadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A' explicação desenvolvidissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, accrescenta exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estimulo, para a prática de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de **160 reis.**

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser diridos á

Empresa da *Revista Catholica* (Vizeu).

Agencia Nacional Simões de Lima

REGISTADA—FUNDADA EM 1889

Rua de S. Julião, 142—1.º

LISBOA

Continua a incumbir-se de negocios dependentes das secretaria des Estado, etc., taes como: encartes, apostillas, quitações, diplomas de titulares, cauções para recebedores, arrecadações de espolios, cumprimento de deprecadas, legalisação de documentos no ministerio dos estranjeiros, marinha e consulados, averbamento de inscripções, etc., publicação de annuncios judiciaes no *Diario do Governo,* obtenção de documentos, encommendas, compra ou venda em particular de propriedades, seguros, etc.

Boas referencias, promptidão e preços modicos.